

O POTENCIAL DO ESPAÇO COLETIVO PARA A DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES PREVENTIVAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE: UMA PRÁTICA EDUCATIVA SOBRE HPV E CÂNCER DO COLO DO ÚTERO

THE POTENTIAL OF PUBLIC SPACE FOR THE DISSEMINATION OF PREVENTIVE HEALTH PROMOTION INFORMATION: AN EDUCATIONAL PRACTICE ON HPV AND CERVICAL CANCER

Amanda Berk¹, Marcelo Rocha² e Taciana Gatto³

¹Cefet-RJ/Labdec, berk.amanda@yahoo.com.br

²Cefet-RJ/Labdec, rochamarcelo36@yahoo.com.br

³SME-RJ/Docente de Biologia, taianagatto@hotmail.com

RESUMO

A situação da área da saúde no Brasil apresenta condições precárias e alta carência de atendimento à população. Muitas doenças podem ser evitadas a partir da divulgação de informações pertinentes a prevenção e hábitos que favorecem a manutenção da saúde. Esse trabalho surge com o intuito de demonstrar como uma prática educativa, expositiva e interativa, num bairro do Rio de Janeiro impacta positivamente os moradores daquela região. A atividade desenvolvida teve como temática o vírus HPV e o câncer de colo de útero. Os dados de coleta foram obtidos através do discurso dos participantes e consideramos a metodologia como qualitativa e quantitativa. Nos resultados mapeamos a condição do conhecimento sobre o tema e prática preventiva dos participantes, que em sua maioria assegura a importância da realização de ações educativas semelhantes. Considera-se determinante a elaboração e a manutenção de campanhas e ações educativas de amplo alcance à população.

Palavras-chave: DST, prática educativa, HPV, prevenção.

ABSTRACT

The health care situation in Brazil is in precarious conditions and presents high lack of service to the population. Many diseases can be prevented from disclosing information pertinent to prevention and habits that promote health maintenance. This work arises in order to demonstrate how an educational practice, exhibition and interactive, in a neighborhood of Rio de Janeiro positively impacts the inhabitants of that region. The developed activity had as its theme the HPV virus and cancer of the cervix. The collection of data was obtained through the speech of the participants and the methodology is qualitative and quantitative. In the results we map the condition of knowledge on the subject and preventive practice of the participants, which mostly ensures the importance of conducting similar educational activities. It is considered crucial the development and maintenance campaigns and educational activities of large reach to the population.

Keywords: DST, educational practice, HPV, prevention.

INTRODUÇÃO

As questões relacionadas à saúde pública dependem em grande parte da informação a respeito de suas características, funcionamento e desdobramentos. O

termo Saúde Coletiva surge para pautar as iniciativas e procedimentos que irão se aplicar em larga escala à população e Nunes (1994) alega que além de ações preventivas e da medicina social deve-se considerar as dimensões do movimento social, prática, teórica e a corrente do pensamento.

Para que haja um diagnóstico, os profissionais da saúde verificam quais os sintomas apresentados e a partir de um conhecimento e estudo prévio são capazes de identificar qual a doença que se manifesta naquele paciente e apontar seu tratamento. O quadro de infecções e contaminações gerando índices de pessoas enfermas é alarmante.

Dessa forma podemos considerar que o ensino é fundamental para que haja qualquer procedimento na área da saúde. Esse processo de ensino se dá de inúmeras formas. Podem ocorrer dentro de cursos especializados para formação de profissionais da área da saúde como enfermagem, medicina, biomedicina, radiologia, nutrição e odontologia; ou de maneira mais informal que alcance maior parcela da população através de campanhas educativas e difusoras de informações pertinentes principalmente à prevenção.

Existe em diversas localidades uma situação muito precária no âmbito da saúde pública e uma falta de recursos para que haja o acesso de grande parte da população à medicamentos, tratamentos ou até mesmo ao atendimento médico (VASCONCELLOS, 2004). Como há o conhecimento de formas de transmissão de muitas doenças que estão relacionadas à hábitos básicos e diários de um indivíduo, é possível evitar muitas doenças através da mudança dessas atitudes cotidianas.

Inclusive para o poder público no setor da saúde seria de grande interesse a ampliação de ações voltadas para a prevenção, pois representam economia e redução nos gastos públicos com medicamentos e despesas de ambulatorios, postos de atendimento e hospitalares.

Para viabilizar essa transformação essencial da sociedade e beneficiar uma parcela da população carente de procedimentos medicinais, são necessárias práticas educativas com o intuito de informar esses indivíduos sobre qual a maneira correta de lidar com esses riscos e quais as preocupações com a higiene e relações interpessoais, por exemplo, que são importantes para evitar a contaminação de doenças em que os vetores e agentes transmissores são microrganismos ou insetos.

Especificamente as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) são um exemplo marcante de como a prevenção é determinante para reduzir a amplitude de disseminação de determinadas doenças.

Esse trabalho surge desse déficit informativo acerca de um vírus, o Vírus do Papiloma Humano (VPH ou HPV), responsável pelo desenvolvimento muitas vezes do câncer do colo do útero em grande número de mulheres todo ano no Brasil. O potencial de mitigação de danos causados por esse vírus através da utilização do preservativo e da ciência da existência do vírus e de suas consequências é significativo, além de motivar a multiplicação de atividades e pesquisas similares.

SEXUALIDADE E DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Na sociedade contemporânea os jovens iniciam suas atividades sexuais precocemente devido ao alto apelo na mídia de abordagens sexuais e o fácil acesso de conteúdos sexuais nos espaços virtuais e audiovisuais. Dessa forma, é necessária que haja um diálogo acerca dessa sexualidade latente comum no período da puberdade e uma orientação a respeito dos riscos inerentes à prática sexual. Os jovens na fase da adolescência estão ávidos por novas experiências e acabam embarcando em relações sexuais desprotegidas devido à inconsequência da faixa etária (TORNIS et al., 2005).

Façanha et al. (2004) afirmam que os principais quesitos que tornam os jovens um grupo de alto risco vulnerável a contração de DSTs são a inconsistência ou ausência do uso de preservativos e a prática sexual intensa com diferentes parceiros. Camargo e Ferrari (2009) admitem que esse comportamento dos jovens pode se tornar um grande problema de saúde pública agravado pela falta de informação, tabus e ausência do diálogo.

Segundo Santos et al. (2009) as DSTs possuem um alto índice de disseminação podendo causar graves danos à saúde dos indivíduos. Ito et al. (2010) retratam aspectos do HPV afirmando que o mesmo afeta milhões de pessoas, o Brasil assume posição de evidência no *ranking* de contaminação pelo vírus com 34 milhões de cidadãos infectados.

Existem mais de 100 tipos diferentes de HPV e podem ser de baixo e de alto risco para o desenvolvimento do câncer. Os HPV tipos 6 e 11, encontrados na maioria das verrugas genitais e papilomas laríngeos, parece não oferecer nenhum risco de progressão para malignidade. Entretanto, os tipos virais 16, 18, 31, 33, 45, 58, considerados de alto risco, estão associados a lesões pré-cancerígenas e tumores genitais. Para o desenvolvimento do câncer cérvico-uterino, a infecção cervical pelo HPV é considerado o primeiro passo. (ITO ET AL., 2010, p. 127)

Devido à forte associação do HPV com o câncer do colo do útero, acreditava-se que o HPV era portado exclusivamente por mulheres e, portanto o homem não seria responsável por sua transmissão ou que não sofreria prejuízos em sua saúde a partir do contato com esse vírus. Entretanto, como é relatado por Xavier et al. (2007), o homem pode ser contaminado com o HPV e apresentar tumores benignos em sua região genitália. Dessa forma a preocupação com o HPV deve existir em ambos os gêneros.

Santos et al. (2009) explica que as DSTs são doenças são causadas por diferentes tipos de micro-organismos como protozoários, vírus, bactérias ou fungos que têm uma manifestação sintomática na região genital, em outras regiões do corpo ou até mesmo assintomáticas que apresentam uma relevância epidemiológica marcante.

De acordo com Silva e Carvalho (2005) é aconselhável que o tema da sexualidade seja trabalhado no espaço escolar e em outros espaços coletivos, aplicando uma metodologia participativa pautada no diálogo com caráter intimista considerando a realidade sociocultural do sujeito, fazendo uso de elementos lúdicos e criativos.

Cruz e Loureiro (2008) apontam que especificamente em relação ao câncer do colo do útero alguns aspectos devem ser ressaltados, como a expressiva porcentagem de mulheres que apresentam essa modalidade de câncer. Com fonte nos dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA) segundo pesquisa realizada no ano 2002, obtidos através do Programa Viva mulher: Programa Nacional de Controle do Câncer do Colo do Útero, aponta ser uma questão grave de saúde no Brasil. Outro fator agravante acerca do panorama nacional é a falha no alcance de metas governamentais estimadas para a prevenção desse tipo de câncer (CRUZ e LOUREIRO, 2008).

O PAPEL DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO

Vieira (2005) define que a categoria que engloba a educação não formal se constitui por uma prática educativa em espaço diverso do ambiente escolar, que possui um objetivo didático com intenção de aprofundar ou exemplificar algum ou múltiplos conteúdos.

A diversidade de aspectos que envolvem a formação do ser humano e suas demandas variadas sejam políticas, históricas, sociais, culturais, obtém suporte através da educação adquirida por esse indivíduo a partir de fontes distintas, o que justifica a relevância da vivência e experiência também na educação não formal (CASCAIS et al., 2011).

O espaço não formal de ensino surge como oportunidade de complementação do ensino formal assim como, de acesso à populações e indivíduos diversos que não frequentam mais o ambiente escolar. Dessa maneira é possível uma atualização de conteúdos, como também a abordagem de temáticas de importância coletiva que não possuem espaços definidos para a difusão de seus conhecimentos.

Gadotti (2005) exhibe algumas características do espaço não formal e seu potencial de ensino uma vez que é menos hierárquico, burocrático e mais difuso, possuindo horário flexível e o respeito à individualidade de cada participante, respeitando o tempo de aprendizagem de cada um.

Marandino et al. (2004) apontam que são tímidas e reduzidas as iniciativas de investigação que apresentam a educação não formal como seu foco central, sobretudo no Brasil. Marandino (2001) defende o potencial do espaço educativo não formal para o ensino diante da relação estabelecida pelo indivíduo com aquele novo espaço, a organização e a apresentação do conhecimento nesse local, o tempo e o ritmo da interação do sujeito com aqueles determinados elementos pedagógicos, todos esses são fatores únicos e diferenciados.

Por sua vez Langhi e Nardi (2009) elencam que como vantagens a educação não formal oferece ao sujeito a liberdade de escolha diante dos métodos e conteúdos de aprendizagem assim como a ausência de obrigatoriedades legislativas.

Entretanto, vale ressaltar que a metodologia pedagógica executada é determinante para definir a qualidade do processo de aprendizagem obtido. Existem profissionais que mesmo em espaços não formais de ensino se utilizam do método tradicional expositivo. Isso refuta a proposta de dinâmica e interação do espaço diferenciado e restringe o potencial de absorção e incorporação de conteúdo dos indivíduos (JACOBUCCI, 2008).

Outro aspecto do espaço não formal de ensino é a contextualização e a aproximação da realidade do indivíduo do conhecimento proposto, proporcionado uma visão holística e abrangente dos saberes, o que Pinto e Figueiredo (2010) asseguram ser instrumento para efetivar a construção de conhecimentos.

A PREVENÇÃO PARA A DIMINUIÇÃO DOS ÍNDICES DE CONTAMINAÇÃO

Santos e Westphal (1999) dialogam a respeito do momento vivido e sobre as definições acerca das práticas educativas direcionadas à saúde defendendo a ocorrência de uma mudança permeada por discussões políticas e acadêmicas.

Torres e Enders (1999) consideram que a ação educativa para a saúde deve adotar um princípio contínuo, dinâmico, que capacita o indivíduo a tornar-se um agente crítico que deve buscar uma reflexão acerca das causas e características dos problemas de saúde.

Para a efetividade de uma campanha educativa, principalmente com o intuito de prevenção na área da saúde, Cruz e Loureiro (2008) defendem a importância de se observar alguns critérios principalmente sócio-históricos-culturais em um determinado público alvo.

Acioli (2008, p. 120) pondera sobre a qualidade da ação educativa voltada para o ensino em saúde:

As práticas de Educação e Saúde numa proposta de construção compartilhada devem ser orientadas pela busca da interdisciplinaridade, da autonomia e da cidadania. Ou seja, práticas que privilegiem a interação comunicacional onde sujeitos detentores de saberes diferentes, apropriam-se destes, transformando-se e transformando-os.

Existem diversas metodologias que podem ser aplicadas às práticas educativas. Entre elas as que possuem o caráter dinâmico e interativo apresentam resultados positivos e significativos na maioria dos casos e que certamente se adéquam ao contexto da saúde.

Monteiro et al. (2003, p. 659) expõem que uma prática pedagógica através de um jogo didático é considerada válida, pois “gera informação, estimula a reflexão e o diálogo acerca de situações do cotidiano” assim como expande o alcance das mensagens, motiva maior interesse dos participantes especialmente relacionada à área da saúde.

Martins et al. (2011) citam outra prática educativa com o viés dinâmico e participativo relatando uma experiência de oficinas como espaço de discussão e reflexão acerca da temática da sexualidade. Os autores afirmam que tal prática se revelou muito positiva com jovens e ampliou o conhecimento dos participantes surgindo como oportunidade de interlocução para dúvidas, mitos e tabus indagados por estudantes.

Diversos profissionais podem atuar para a execução de programas de prevenção da saúde para a população. O agente comunitário de saúde é um dos profissionais mais indicados, uma vez que atuam diretamente no atendimento cotidiano dos habitantes de determinada região tendo, portanto uma ação mais direta e contínua (GOMES et al.,

2009). Garcia (2001) discute a fragilidade na formação dos profissionais da área de saúde dentro do intuito educativo, importante para a prática preventiva da população, discorre que a ênfase maior é para o exercício de técnicas e procedimentos de tratamento em detrimento da capacitação para o ensino da saúde.

Vasconcellos (2004, p. 70) argumenta que “atualmente há duas grandes interfaces de relação educativa entre os serviços de saúde e a população: os grandes meios de comunicação de massa e a convivência cotidiana dos profissionais com a população nos serviços de saúde.” Dessa forma, confirma a importância dos profissionais da área de saúde como sujeitos de multiplicação das informações pertinentes à prevenção.

Na pesquisa apresentada por Melo e Santana (2005), os dados obtidos revelam alguns fatores preocupantes. Um deles é a obtenção de informações acerca de sexualidade por parte de jovens universitários preponderantemente através dos amigos e de revistas populares. A problemática do preconceito e do tabu da temática que muitas vezes representa um bloqueio ao diálogo, tanto pelos familiares quanto em outros espaços coletivos também consiste em uma ameaça à conscientização popular (MELO & SANTANA, 2005).

Louro (2000) exalta a multiplicidade da sexualidade e a importância de seu aspecto social, determinando esse compartilhamento de informações e o diálogo como fundamental para a evolução de prevenção ou do autoconhecimento sobre a temática.

Segundo Ito et al. (2010) existem duas principais medidas para a prevenção do HPV, o uso de preservativos durante as relações sexuais e as vacinas profiláticas para tipos de HPV específicos e para evitar o desenvolvimento do câncer do colo do útero a realização periódica do exame colpocitológico oncótico (Papanicolau) que permite o diagnóstico inicial de lesões cervicais.

Simão e Vidal (2013) concluem em seu estudo que apesar do alto índice de mulheres que apresentam o vírus HPV, se o exame preventivo Papanicolau for feito com a frequência recomendada de em média uma vez ao ano, há uma alta probabilidade de tratamento eficaz levando a não progressão para o câncer.

Silveira et al. (2015) determina a ineficiência e a distância do ensino em saúde em relação à prática diária dos profissionais da área, em sua pesquisa mesmo as mulheres que periodicamente realizavam o exame Papanicolau não possuíam conhecimento sobre o HPV e o câncer do colo do útero, desassociando portanto sua prática preventiva ao risco da doença relacionada.

Gonçalves e Macedo (2013, p.1) destaca a importância de se divulgar as informações pertinentes ao HPV para diferentes grupos populacionais, abrangendo camadas sociais diversas assim como “a necessidade de esclarecer a população sobre o HPV, sintomas, diagnósticos, suas formas profiláticas e a introdução das vacinas nas pré-adolescentes pelo Sistema Único de Saúde contra a virose no Brasil”.

METODOLOGIA

O desenvolvimento metodológico divide-se em duas etapas: a aplicação da prática educativa e a análise dos dados coletados. A presente metodologia de pesquisa surge através da execução de uma atividade educativa de promoção da saúde na unidade do SESC de Madureira em abril de 2014. Essa prática consistiu em uma exposição interativa a fim de esclarecer dúvidas a respeito do HPV: modos de prevenção, suas formas de transmissão, os sintomas apresentados pelos indivíduos infectados e seus agravamentos como o câncer do colo do útero.

Através de banners, folhetos informativos, modelo didático do sistema reprodutor feminino e exemplos de preservativos foi feita uma palestra e exposição interativa que possibilitou desmistificar todos os aspectos do vírus HPV, as consequências de sua contração, medidas preventivas e formas de cuidados. A compreensão de temas relacionados como o câncer do colo do útero torna-se facilitada e aprofundada na medida em que o material utilizado assim como o discurso são claros, explícitos e didáticos. Foram realizadas explicações diversas e amplas sobre o tema assim como o esclarecimento das dúvidas dos participantes acerca dos assuntos trazidos.

O público foi composto por pessoas de todas as idades que frequentam a unidade em busca de lazer, esporte, cultura, educação e saúde. Existem no local, tratamentos disponibilizados na área da odontologia, exposições com temáticas diversas, cursos e oficinas voltadas para o artesanato, meio ambiente, entre outros.

Há um vínculo de comerciários que possuem livre acesso a todas as atividades e serviços oferecidos na unidade, mas também existem diversas atividades que são livres e gratuitas a fim de contemplar os habitantes dos arredores da unidade que circunda uma região carente de um bairro periférico do município do Rio de Janeiro. Os funcionários da unidade também podem participar das atividades e geralmente apresentam grande interesse e atuação na programação.

A pesquisa se define por uma análise qualitativa que a partir dos relatos espontâneos interativos expressos durante a atividade, foi possível determinar as questões mais relevantes acerca da temática, as principais dúvidas apresentadas pelos participantes, o perfil do público alvo que apresentou maior interesse, as exposições acerca das experiências prévias dos indivíduos relacionadas às informações trazidas apontando o nível de conhecimento daquela determinada população.

Houve também a parcela de investigação quantitativa a partir de entrevistas estruturadas e fechadas seguindo a metodologia exposta por Britto e Feres (2011). Tal metodologia foi optada devido à dinâmica e formato da atividade em execução impedindo um contato prolongado com cada sujeito.

Os participantes foram indagados de forma oral durante sua passagem na exposição acerca das seguintes questões: “Você faz uso do preservativo? Você relaciona a realização do exame preventivo Papanicolau como medida para evitar o câncer do colo do útero? Você realiza esse exame periodicamente? Quais os temas você acha mais interessantes na exposição? Você considera importante a realização de atividades como essa em espaços como o SESC?” As respostas eram registradas em papel ao longo da execução da atividade para serem analisadas posteriormente.

A percepção dos participantes foi aferida sob a ótica da filosofia através da teoria de Chauí (2000). Uma vez que a atividade constitui aspectos visuais, táteis e auditivos, permite múltipla percepção sensorial e reações intuitivas atribuídas à conhecimentos e vivências prévias dos participantes. Segundo a autora a junção dos estímulos externos sensitivos e suas respectivas reações associadas à ideia do sujeito acerca do mundo que o rodeia configuram nas suas percepções.

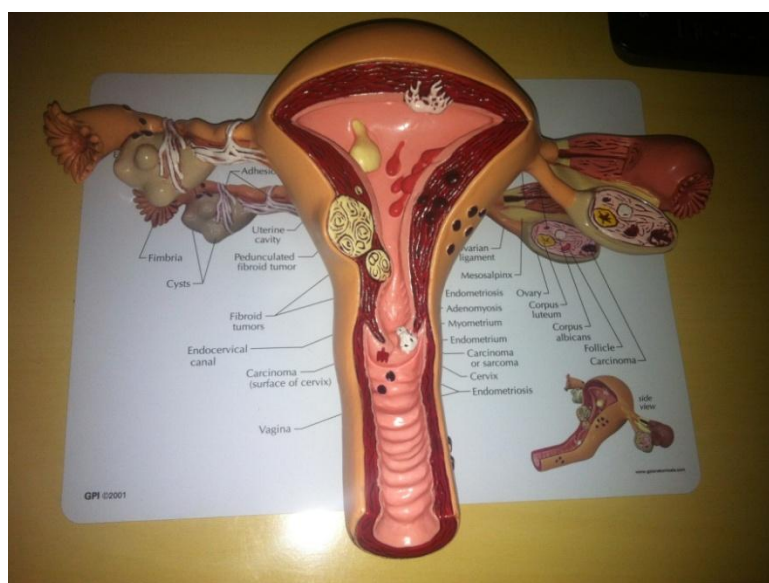
A metodologia a ser seguida será a linha de pensamento proposta por Bakhtin (2000) de análise do discurso. A partir da perspectiva do diálogo, pode-se vislumbrar a autonomia e a diversidade dos cidadãos e assim analisar seu discurso através de sua composição individual influenciada pelo contexto sócio-histórico-cultural que está inserido. Diante da interação social proporcionada na atividade foi viabilizada a coleta dos dados presentes no discurso dos participantes.

A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA, O DISCURSO DOS PARTICIPANTES E SUAS ANÁLISES

Em exposição encontravam-se um modelo didático do sistema reprodutor feminino incluindo representatividade de diversas anomalias e enfermidades as quais

esses órgãos podem ser acometidos. Desse modelo em formato dimensional e 3D, os participantes poderiam observar e visualizar de maneira ampla todos os aspectos atribuídos à esse sistema anatômico feminino e ter a compreensão de todos os comprometimentos que o mesmo pode sofrer. Dentre as patologias mais comuns que estão presentes no modelo podemos citar: pólipos, carcinoma ou sarcoma, endometriose, cistos, miomas, adenomiose, mioma pedunculado, salpingite e aderências, como podem ser vistos na figura 1.

Figura 1: Modelo didático do sistema reprodutor feminino.



Fonte: Arquivo pessoal.

Através da interação com o modelo didático exposto na figura 1, foi possível observar as percepções dos participantes mediante suas reações espontâneas. Tais reações demonstravam que a percepção prévia não possuía embasamento de parâmetros concretos sendo bem distante do conteúdo que foi apresentado na atividade.

A dimensão das anomalias e enfermidades que acometem o sistema reprodutor feminino, a estrutura e formatos dos órgãos, todos esses aspectos divergiam da ideia pré-concebida pelos sujeitos. A partir da percepção sensorial ao toque e a visão em três dimensões com cores, ou seja, da relação entre o imaginário e a observação vivenciada que há a formação da percepção como é proposto por Chauí (2000).

Juntamente com o modelo, estavam expostos na atividade um banner informativo exclusivo a respeito do vírus HPV e sua consequência possível mais grave que é o câncer do colo do útero, assim como mapa conceitual ampliado descritivo

acerca do sistema reprodutor feminino, demonstrando toda a anatomia feminina e de alguns conceitos biológicos, sobretudo celulares, atrelados à temática reprodutiva e embrionária.

Ao longo da atividade foram distribuídos folhetos para que os participantes pudessem aprofundar e fixar seus conhecimentos em outro momento ou inclusive servirem de agente multiplicador dos conteúdos abordados para outros indivíduos. Orientações acerca da utilização e colocação de preservativos femininos e masculinos foram aplicadas. Todos esses componentes educativos podem ser identificados nas figuras 2 e 3.

Figura 2: Panorama da atividade durante a explanação informativa incluindo todos os componentes da atividade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3: Mesa expositiva com acervo dos modelos e livros didáticos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Informações sobre o câncer de mama também foram prestadas e havia em exposição um protótipo de mama feito de silicone, presente no canto inferior esquerdo da figura 3. Estava disposto e disponível na mesa um pequeno acervo bibliográfico com livros didáticos de anatomia e fisiologia básica para que os participantes interessados tivessem a oportunidade de consultar e adquirir algum conteúdo específico desejado.

Na figura 4, percebe-se que uma bióloga mediava a atividade e ao aproximarem-se participantes eram indagados a respeito de seus conhecimentos prévios sobre a temática abordada e explanados os esclarecimentos a respeito do vírus, do câncer de colo do útero, características do sistema reprodutor e opções preventivas.

Figura 4: Participantes interagindo com a bióloga mediadora durante a execução da atividade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Havia um controle de presença através da assinatura dos participantes em uma listagem disposta na mesa expositiva. Foi alcançado um total de 276 participantes na atividade. Desses 194 (cerca de 70%) foram mulheres e 82 (cerca de 30%) homens. Em relação à faixa etária 42% estavam na faixa de 35-50 anos; 28% acima de 50; 16% de 20 a 35 e 14% abaixo de 20.

De acordo com o discurso dos participantes foram observados os pontos de maior interesse e de dificuldade de compreensão. Algumas questões foram levantadas aos participantes a fim de verificar a validade da atividade, as ações preventivas praticadas, o conhecimento prévio e adquirido dos participantes, a opinião dos mesmos em relação aos conteúdos relacionados mais difíceis e os de maior interesse de divulgação.

Os indivíduos foram questionados oralmente em formato de entrevista estruturada fechada, conforme relatado, portanto a respeito: da relação do exame Papanicolau com a prevenção do câncer do colo do útero, da realização periódica desse exame, do uso dos preservativos nas relações sexuais, temas mais interessantes, sobre a importância da realização de atividades educativas naquele local e em espaços semelhantes.

Sobre a relação da prevenção com a prática do exame Papanicolau 68% afirmou que não sabia da relação com 32% alegando ter essa ciência. Esse resultado ratifica o argumento da pesquisa de Silveira et al. (2015) em postos de saúde, assinalando essa desarticulação entre o exame e o HPV, por conseguinte dificultando que esses cidadãos tenham consciência da importância da realização do exame preventivo assim como dos riscos associados na não realização do mesmo.

Sobre a realização do exame 74% afirmou não realizar o exame periodicamente com apenas 26% assegurando ter esse hábito (Essa pergunta foi aplicada apenas ao público feminino dessa forma a porcentagem é em cima do grupo específico de 194 participantes no total).

O baixo índice de realização do exame pelo grupo estudado na pesquisa indica um alerta, pois como propõe Simão e Vidal (2013), a realização do Papanicolau é determinante para o diagnóstico precoce do câncer do colo do útero e de lesões que possam evoluir para o mesmo. Sem a identificação através do exame os riscos de progressões prejudiciais são imensamente maiores.

Quanto ao uso dos preservativos, obtivemos de resultados com o discurso dos indivíduos que 45% dos participantes alegou usar preservativos com frequência, 28% usa às vezes e 27% não usam (a maioria por afirmar só ter um parceiro sexual de confiança).

O uso do preservativo é fundamental para a prevenção não só do HPV como outras DSTs, a opção da não utilização dos participantes indica que não há a incorporação do princípio de proteção permanente como discute Gomes et al. (2009), as ações educativas precisam obter uma caráter contínuo e direto abrangendo amplamente a população.

A vacinação surge em primeiro lugar como tópico de interesse (43%), seguido dos preservativos (em especial o feminino) e suas orientações (21%), após os grupos de risco e sintomas empatados (14% cada) e tratamento e cura na sequência (8%).

Os dois itens que aparecem como principais tópicos de interesse dos participantes são os que Ito et al. (2010) aponta como as melhores estratégias para a prevenção da contração do vírus HPV. Dessa forma percebe-se uma carência de difusão de informações pertinentes sobre esses procedimentos de prevenção que conforme orienta o autor seriam de grande importância no combate do HPV.

A alta porcentagem do interesse pela vacinação se emparelha com a recorrente exposição na mídia, meio de acesso da massa popular como defendido por Vasconcellos

(2004), e de campanhas com essa finalidade em espaços escolares, também indica a necessidade de esclarecimentos sobre HPV como argumenta Gonçalves e Macedo (2013) assim como seus diversos aspectos que também emergem como fruto de atenção do público.

Do total de participantes, 92% dos participantes afirmou considerar importante a prática educativa acerca da temática da saúde em espaços coletivos semelhantes ao SESC. Esse dado confirma a teoria de Vieira (2005) que defende o potencial didático do espaço não formal de ensino. Assim como exemplifica o exposto de Marandino (2001) norteando a predisposição dos participantes nesses locais diferenciados a partir de uma relação mais intimista e descontraída.

Para a análise de discurso conforme as observações da teoria proposta por Bakhtin (2000) foram eleitos dois trechos explanados por indivíduos diferentes durante a atividade. O primeiro diálogo destacado ocorre sob o contexto de gênero na preocupação com a prevenção para o HPV:

Eu não vejo motivo para pensar nisso aí não... Só dá em mulher. Não gosto de usar camisinha não, incomoda muito. Prefiro no modo natural mesmo.

O sujeito em questão é do sexo masculino, divorciado, incluído na faixa etária acima de 50 anos, e assume não fazer uso de preservativos em sua prática sexual corriqueira. No discurso apresentado, seu pensamento reflete conceitos profundamente machistas e ignorantes. Ao afirmar que não utiliza camisinha não toma a ciência dos riscos que corre nem tampouco na possibilidade de se tornar agente transmissor de algum vírus como o HPV. Como é tratado por Xavier et al. (2007) essa ideia acerca do HPV não procede, o homem sendo portador sintomático ou não, apresentando verrugas genitais ou não, ainda sim, se portador será um transmissor do vírus.

Na minha idade não aparece nada assim. Mais tarde eu vejo, mas comigo não vai acontecer não.

Esse segundo discurso relatado por uma jovem, do sexo feminino, na faixa etária abaixo dos 20 anos, define o conceito de inconsequência dos jovens que determinam a inclusão desse grupo com alto fator de risco em setores problemáticos na sociedade como os acidentes de carro, vícios em drogas e epidemias de doenças inclusive as DSTs como é tratado por Camargo e Ferrari (2009). Outros quesitos que reforçam a fragilidade do grupo dos jovens apontados por Façanha et al. (2004)

direcionadas às DSTs são a relutância pelo uso dos preservativos e a constante troca de parceiros sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma demanda por parte da população em relação às questões referentes à saúde. As orientações fornecidas através de programas e ações educativas possibilitam uma mudança preventiva considerável de atitude nos indivíduos no intuito de evitar disseminações e contaminações patológicas. Foi demonstrado um interesse por parte dos habitantes do entorno do local da atividade quanto aos conteúdos expostos determinando a relevância e produtividades desse tipo de iniciativa.

As campanhas educativas promovidas pelo poder público são pontuais, incompletas e ineficazes. Os indivíduos sabem sobre a existência da vacina preventiva, porém não apresentam compreensão das características do vírus nem a parcela da população que pode ser atingida mesmo não sendo público alvo para o programa de vacinação.

O nível de conhecimento prévio e de práticas preventivas dos participantes demonstrados foi considerado baixo e superficial. Há uma evidência da ausência de fontes de informação coletiva e espaços de discussão e disseminação de esclarecimentos pertinentes à temática da saúde.

Estratégias como práticas educativas no ensino da saúde para a população leiga e geral, com o objetivo de prevenção são altamente recomendadas. Sua execução deve se expandir para diversos locais e apresentar uma periodicidade que caracterize uma frequência e continuidade. Iniciativas similares podem ser determinante para a diminuição dos índices de epidemias e doenças manifestadas pelos habitantes.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 61, n. 1, p.117-121, 2008.
- BAKTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRITTO, AFJ.; FERES, NJ. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**. Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.
- CAMARGO, EAI.; FERRARI, RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.3, 937-946, 2009.
- CASCAIS, MG., FACHIN-TERAN, A. Educação formal, informal e não formal em ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. In: ENCONTRO DE

- PESQUISA EDUCACIONAL NORTE NORDESTE, 20, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2011.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CRUZ, LMB.; LOUREIRO, RP. A comunicação na abordagem preventiva do câncer do colo do útero: importância das influências histórico-culturais e da sexualidade feminina na adesão às campanhas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 120-131, 2008.
- FAÇANHA, M.C., MENEZES, B.L.F, FONTENELE, A.D.B., MELO, M.A., Conhecimento sobre reprodução e sexo seguro de adolescentes de uma escola de Ensino Médio e Fundamental de Fortaleza – Ceará. **DST - Jornal brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis**; v. 16, n.2, p. 5-9, 2004.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Suíça, Institut international des droits de l'enfant (ide). out. 2005.
- GARCIA, M.A.A. Saber, agir e educar: o ensino-aprendizagem em serviços de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**; v.8, p. 89-99, 2001.
- GOMES, KO. et al. A práxis do agente comunitário de saúde no contexto do Programa Saúde da Família: reflexões estratégicas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 744-755, 2009.
- GONÇALVES, E.; MACEDO, ME. HPV- a Importância da Vacinação de Jovens de Nove a Treze Anos de Idade. **Acervo da Iniciação Científica**, n. 2, 2013.
- ITO, MM.; VARGAS, SM.; SUZUKI, LE.; MERLIN, JC. Dimensão da participação do papilomavírus humano (HPV) na evolução do câncer cérvico-vaginal. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, vol. 42, n. 2, p. 127-129, 2010.
- JACOBUCCI, DFC. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da Cultura Científica. **Em Extensão**, Uberlândia. V. 7, 2008.
- LANGHI, R; NARDI, R. Ensino da astronomia no Brasil: educação formal, informal, não formal e divulgação científica, **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 4, p. 4402-1-4402-11, 2009.
- LOURO, GL. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MARANDINO, M.; SILVEIRA, RVM.; CHELINI, MJ.; FERNANDES, AB.; GARCIA, VAR.; MARTINS, LC.; LOURENÇO, MF.; FERNANDES, JA.; FLORENTINO, HA. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS - SP, 4, Bauru, SP. **Atas...**: Porto Alegre: ABRAPEC, 2003. p. 1-13.
- MARANDINO, M. Interfaces na Relação Museu-Escola. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2001.
- MARTINS, CBG., FERREIRA, LO., SANTOS, PRM., SOBRINHO, MWL., WEISS, MCV., SOUZA, SPS. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Reme – Revista Mineira de Enfermagem**; v. 15, n.4, p. 573-578, 2011.
- MELO, ASAF., SANTANA, JSS. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de biologia da UEFS. **Revista Baiana Saúde Pública**; v. 29, n.2, p. 59-149, jul. 2005.
- MONTEIRO, SS., VARGAS, EP., REBELLO, SM. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. **Educação & Sociedade**; v. 24, n.83, p. 659-78, ago. 2003.
- NUNES, ED., Saúde coletiva: História de uma ideia e de um conceito. **Saúde e Sociedade**, v. 3, n.2, p. 5-21, 1994.

- PINTO, LT.; FIGUEIREDO, VA. O ensino de Ciências e os espaços não formais de ensino. Um estudo sobre o ensino de Ciências no município de Duque de Caxias/RJ. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA, 2, Ponta Grossa, PR. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2010.
- SANTOS, SMJ., RODRIGUES, JA., CARNEIRO, WS. Doenças Sexualmente Transmissíveis: Conhecimento de alunos do ensino médio. **DST – Jornal brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 21, n. 2, p. 65-70, 2009.
- SANTOS, JLF.; WESTPHAL, MF. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.13, n.35, p.71-88, 1999.
- SILVA, MP.; CRVALHO, WLP. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.
- SILVEIRA, RS. et al. Uma abordagem preventiva do câncer cervicouterino com mulheres em idade fértil. **SANARE- Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, 2015.
- SIMÕES, PRG.; VIDAL, ECF. Mulheres com HPV: análise das variáveis idade, escolaridade, frequência de realização e alterações nos exames citopatológicos. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 12, n. 1, p. 86-95, 2013.
- TORRES, GV., EENDRES, BC. Atividades educativas na prevenção da AIDS em uma rede básica municipal de saúde: participação do enfermeiro. **Revista Latino-americana de Enfermagem**; v. 7, n.2, p. 71-7, abr. 1999.
- TORNIS, NHM., LINO, AIA., SANTOS, MAM., LOPES, CLR., BARBOSA, MA., SIQUEIRA, KM. Sexualidade e anticoncepção: o conhecimento do escolar/adolescente. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 7, n. 3, p. 344-50, 2005.
- VASCONCELOS, EM. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das Políticas de Saúde. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**; v. 14, n. 1, p.67-83, jun. 2004.
- VIEIRA, V.; BIANCONI, ML.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e cultura**, v. 57, n. 4, p. 21–23, dez. 2005.
- XAVIER, SD., BUSSOLOTI, FI., CARVALHO, JM., FRAMIL, VM., Castro, TM. Frequência de aparecimento de Papilomavírus Humano na mucosa oral de homens com HPV anogenital confirmado por biologia molecular. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, v. 11, n.1, p. 36-44, 2007.